

A presença da Educação

Arnaldo Niskier

Cada vez mais se consolida, no espírito dos brasileiros, a idéia de que um fator estratégico poderá nos levar a posições bem melhores. Certamente é a educação.

Estávamos em 12o lugar entre as economias mais ricas do mundo, mas caímos no ano passado para 13o. Isso quando alguns especialistas internacionais passaram a formular a hipótese de que, em pouco tempo, rivalizaríamos com a Rússia, a Índia e a China, em termos de expansão econômica e social.

Os países que crescem, como os tigres asiáticos, têm políticas públicas muito bem delineadas, com ênfase visível na área educacional. Não fora assim, como obter mão-de-obra qualificada? Estivemos estudando o assunto na Coreia do Sul. Visitamos a fábrica Samsung, com 120 mil operários, ninguém recebendo salários inferiores a US\$ 250 e tendo como nível de instrução mínimo o médio (concluído).

Por que isso não entra na cabeça das nossas autoridades, só Deus sabe. A balela de que já investimos muito em educação não resiste à menor análise. Investimos menos do que o necessário - e com um grau de eficiência altamente discutível. Prioriza-se o ensino superior, desprezando-se a origem de tudo, a educação infantil e a educação fundamental.

Os números manipulados em bravatas oficiais não são confiáveis. As crianças entram na escola, mas boa parte não fica. Por desinteresse na caminhada ou por necessidade dos pais de contar com o trabalho infantil proibido. E um outro fator de fundamental importância: os baixíssimos rendimentos dos nossos docentes, hoje bastante desestimulados, como se comprova com relativa facilidade.

Voltemos ao Rio de Janeiro. O Estado se industrializa, na capital e no interior, comemora o avanço em áreas específicas, como o Pólo Gás-químico de Duque de Caxias, a indústria farmacêutica de Jacarepaguá, os grandes estaleiros da construção naval (Angra, Rio e Niterói), a indústria automotiva (Resende, Porto Real etc), além das perspectivas da Refinaria da Petrobras. Vão ser formados os recursos humanos indispensáveis, seja em nível intermediário, seja em nível superior.

Os seus alunos estarão recebendo desde cedo uma formação especializada, criando os técnicos em nível intermediário de que já carece o Estado, que é a segunda unidade econômica do País. Educação e Industrialização, como irmãs siamesas, caminharão lado a lado, numa capital que, historicamente, fez do setor terciário da economia a sua razão de ser. Juntando tudo isso, quem poderá duvidar do crescimento fluminense?

O Rio de Janeiro tem ainda as potencialidades do setor exportador (minerais, combustíveis, papel e celulose, produtos siderúrgicos), que já apresenta resultados apreciáveis.

É claro que ainda estamos à espera de reformas estruturais, sempre prometidas. Urge corrigir os desequilíbrios fiscais do setor público, atenuar o aumento da carga tributária, sem prejuízo da ação oficial sobre os grandes desafios da segurança, da saúde, da educação e das habitações.

Fonte: Jornal do Commercio, São Paulo 16 a 20 fev. 2007. Opinião, p. A17.